

Manuel António Pina
**CRÓNICA, SAUDADE
DA LITERATURA**

ASSÍRIO & ALVIM

O DIA EM QUE A POESIA DESCEU À RUA

Sophia

Valeu a pena ter vivido para poder escutar o espontâneo grito unânime de «Liberdade!» que, longamente reprimido, se soltou de repente de todas as gargantas no dia 25 de Abril de 1974, sobresaltando os corações e acordando-os (quem poderia ter acreditado?) de um sono letárgico de meio século. E tão frágil e inocente foi essa unanimidade que poucos dias depois já se havia quebrado, cada um entrincheirado nas suas convicções e nos seus interesses procurando apropriar-se daquilo que, durante uma breve eternidade, foi de todos.

Sophia chamou-o, a esse dia, de «dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio». E só a palavra poética pode, de facto, alcançar na inesperada e desmesurada natureza de um dia assim, um dia em que a poesia, o que quer que a poesia seja, desceu à rua e se fez confusamente palavra, abraço, encontro, identidade.

Desse dia guardo principalmente duas memórias: eu descendo a Avenida dos Aliados, no Porto, arrastado por uma multidão aturdida e semovente, dando a mão a minha mulher grávida e com a filha mais velha aos ombros agitando um cravo vermelho e gritando, também ela, «Liberdade! Liberdade!» sem saber o que dizia; e a imagem de um grupo de polícias (os únicos polícias que vi nesse dia, todos os outros se haviam misteriosamente sumido)

tentando agarrar um miúdo de nove ou dez anos que os apedrejara e se escondera debaixo de um autocarro estacionado diante do Palácio dos Correios, o polícia graduado gritando à criança: «Vem cá para fora, covarde!».

Depois foi o que se sabe, uma sucessão de traições. O destino dos revolucionários é serem os cornudos da História, traídos pelos companheiros mais próximos e estes traídos, por sua vez, por outros traidores. E, como canta Jacques Brel, «nous voilà ce soir», porque as revoluções, repetindo Carlyle na sua *História da Revolução Francesa*, são sonhadas por apaixonados, realizadas por homens determinados, mas quem delas sempre se aproveita são os oportunistas de todas as espécies.

Assim foi (e como poderia não ter sido?) com o 25 de Abril. Os sonhos colectivos são animais tímidos, transformam-se facilmente em fé transbordante, mas têm muitos inimigos: o tempo, a realidade prática, a sua própria desrazoabilidade. Mais tarde ou mais cedo recolhem-se a lugares inacessíveis do coração, como uma queimadura que dói de vez em quando, cada dia menos, ou então morrem sufocados sob o peso institucional.

Que resta hoje desse dia «inicial inteiro e limpo»? Memórias: uma canção (*Grândola, Vila Morena*), nomes, a maior parte de gente morta (Salgueiro Maia, Zeca Afonso, Melo Antunes...), e dissensão, e calúnias, e falsidades. Os vampiros voltaram, pousando nos prédios, pousando nas calçadas, «novos ratos mostram a avidez antiga», e o arbítrio, sob a forma de lei, reconstruiu pacientemente a mediocridade, a resignação, a desesperança, o medo.

O que aconteceu? Sophia explica-o melhor do que eu seria capaz: «é certo a esquerda fez erros / Caiu em desmandos confusões

praticou injustiças // Mas que diremos da longa tenebrosa e perita
/ Degradação das coisas que a direita pratica? // Que diremos do
lixo do seu luxo — de seu / Viscoso gozo da nata da vida — que
diremos / De sua feroz ganância e fria possessão? // Que diremos
de sua sábia e tácita injustiça / Que diremos de seus conluíus e ne-
gócios / E do utilitário uso dos seus ócios? // Que diremos de suas
máscaras álibis e pretextos / De suas fintas labirintos e contextos?
// Nestes últimos tempos é certo a esquerda muita vez / Desfigu-
rou as linhas do seu rosto // Mas que diremos da meticulosa eficaz
expedita / Degradação da vida que a direita pratica?»

NM, 29/04/2012

2 OU 3 COISAS QUE SEI SOBRE LIVROS

A Feira do Livro de Lisboa termina hoje e a do Porto começa no dia 31, e eu decidira escrever sobre livros. Tinha até o título da crónica, roubado a Godard: «2 ou 3 coisas que sei sobre livros».

Ora andava eu há semanas a deitar papéis fora, na insensata esperança de arranjar lugar para mais papéis, quando o acaso (eu acredito no acaso) me fez encontrar um velho opúsculo amarelado e quase ilegível, impresso por ocasião da Feira do Livro do Porto de 1994. Folheei-o por cortesia (não se deitam fora papéis sem lhes darmos oportunidade de nos provarem que devemos guardá-los) e, de repente, dei com duas páginas desbotadas de uma crónica intitulada «2 ou 3 coisas que sei sobre livros» assinada por mim, ou pela pessoa que eu era em 1994. Aquela era a crónica que eu tencionava escrever! Que misterioso desígnio a fora buscar ao fundo de um velho caixote de cartão e ma pusera nas mãos?

Porque o que eu então sabia sobre livros era o que sei hoje: que, como os trânsfugas de *Fahrenheit 451*, somos homens-livros e grande parte da vida que temos e das vidas que sonhámos é feita de livros. Se calhar feita até dos livros que não lemos. E talvez seja por não termos lido alguns livros que sabemos tão pouco acerca de nós mesmos.

Uma coisa que sei sobre livros é que é preciso suspeitar dos livros. Eça enumera, num livro que li há já muitos anos, o penoso